

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

ZENAIDE APARECIDA DE MORAIS

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: UMA REFLEXÃO SOBRE A
ATUAÇÃO DO PROFESSOR E OS NOVOS CAMINHOS PARA A
EDUCAÇÃO NO AMBIENTE HOSPITALAR**

MARINGÁ, PR

2016

ZENAIDE APARECIDA DE MORAIS

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: UMA REFLEXÃO SOBRE A
ATUAÇÃO DO PROFESSOR E OS NOVOS CAMINHOS PARA A
EDUCAÇÃO NO AMBIENTE HOSPITALAR**

Trabalho de Conclusão de Curso –TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial obtenção do grau de
licenciado em pedagogia.

Orientação: Prof^a Dr^a Celma Regina Borghi
Rodrighero

MARINGÁ, PR

2016

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: UMA REFLEXÃO SOBRE A
ATUAÇÃO DO PROFESSOR E OS NOVOS CAMINHOS PARA A
EDUCAÇÃO NO AMBIENTE HOSPITALAR**

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

ACADÊMICA: ZENAIDE APARECIDA DE MORAIS

DATA DA DEFESA: 05/02/2016

Trabalho apresentado nesta data ao Curso de Pedagogia, modalidade presencial, da Universidade Estadual de Maringá, como trabalho de Conclusão de Curso, examinado pela Banca Examinadora composta pelos professores:

Profª Drª Celma Regina Borghi Rodrigueiro (Orientadora) – UEM

Profª Drª Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula – UEM

Profª Ms. Rubiana Basilio Santa Barbara – UEM

Dedico este trabalho a minha orientadora Prof^a Dr^a Celma Regina Borghi Rodrigues pelo carinho e atenção a mim dado não apenas durante a elaboração deste trabalho, mas também durante os quatro anos de minha formação, aos meus filhos, ao meu esposo, aos meus pais, que muito me apoiaram.

AGRADECIMENTO

Primeiramente não posso deixar de agradecer a Deus pela oportunidade e condições para chegar até aqui.

Da mesma forma não poderia deixar de mencionar minha orientadora Prof^a Dr^a Celma Regina Borghi Rodrigueiro, que prontamente aceitou me orientar neste trabalho.

Meu agradecimento especial aos meus queridos filhos que muito contribuíram para que continuasse em busca deste propósito.

Assim como agradecer todos da turma 31 – 2012/2016 que me ajudaram durante a formação e que muito contribuíram para este grande momento.

Não poderia deixar de lembrar dos diversos professores que passaram por minha vida nesses quatro anos de universidade contribuindo assim para a minha formação.

RESUMO

Este trabalho tem como tema a Pedagogia Hospitalar, e, como objetivo, pesquisar, por meio de pesquisa bibliográfica a importância do pedagogo no ambiente hospitalar, uma vez que o mesmo uma vez que esse profissional se encontra em um espaço cheio de desafios, expectativas e esperanças. Considerando ser necessário que o professor concilie aprendizado de conteúdos e a expectativa de melhora da criança hospitalizada, pode-se colocar a seguinte questão: como obter resultados positivos diante de tamanho desafio? Buscando refletir sobre essa questão, propomos esse projeto de pesquisa, compreendendo que se faz necessária uma discussão cada vez mais profunda sobre essa temática, uma vez que a realidade que vivenciamos hoje ainda está distante de uma solução eficaz para essa problemática, porém já aportam pegadas em direção a propostas de uma educação hospitalar capaz de superar diversidades. O estudo do tema justifica-se por necessitar de mais aprofundamentos em pesquisas de forma a contribuir com todos que desejam trilhar por este caminho. Acredita-se que o trabalho pode realizar uma reflexão sobre essa temática, chegando à conclusão de que ainda há muito que se discutir sobre a educação no ambiente hospitalar.

Palavras- Chave: Ambiente Hospitalar. Criança. Aprendizado. Pedagogo.

ABSTRACT

This work has as its theme the Hospital Pedagogy, and as, we investigate the importance of the teacher in the hospital, since even a professional since this is filled in a space challenges, hopes and expectations. Whereas it is necessary that the teacher reconciles content of learning and the expected improvement of hospitalized children one can ask the question: how to get positive results on challenging size? Seeking to reflect on this issue, we propose this research project, understanding that is needed increasingly in-depth discussion on this topic, since the reality we experience today is still far from an effective solution to this problem, but already aportam footprints toward proposals for an in-hospital education can overcome differences. The theme of the study is justified by need additional insights in research in order to contribute to all who wish to tread this path. It is believed that the work can carry out a reflection on this issue and concluded that there is still a lot to discuss education in the hospital.

Keywords: Hospital Environment. Child. Learning. Pedagogue.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como tema a Pedagogia Hospitalar. Como objetivo geral, buscaremos refletir sobre o papel do pedagogo no contexto hospitalar, e, como objetivos específicos: conhecer a história da pedagogia hospitalar; refletir sobre a ação do professor no processo de ensino às crianças hospitalizadas; descrever a prática pedagógica nos ambientes hospitalares e sua eficácia. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008), significa desenvolver uma pesquisa com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos. O trabalho será apresentado na forma de artigo.

O estudo justifica-se em razão de, a cada dia, mais leis que garantem o atendimento escolar às crianças e aos adolescentes serem sancionadas, e que essas leis têm agora alcançado as crianças hospitalizadas, objetivando garantir a elas o direito de acesso e permanência ao processo educativo.

Para tornar possível essa reflexão, entendemos como necessária a compreensão da história das Classes Hospitalares de modo geral e, mais especificamente, no Brasil. Essa história é composta por diversos determinantes que ao longo do tempo deu à Classe Hospitalar suas características e objetivos, entendendo desta forma, que as Classes Hospitalares vêm responder às demandas de seu tempo e de sua sociedade.

Feitas as considerações sobre a história das Classes Hospitalares, destacando as motivações que a impulsionaram ao longo da história, faremos uma exposição sobre a influência que o atendimento pedagógico no ambiente hospitalar tem na recuperação das crianças hospitalizadas. Nesse momento, será considerado o aspecto humano/social deste atendimento e como a convivência e a relação entre o professor hospitalar e o aluno paciente, podem contribuir para que o aluno, além do acesso à continuidade de seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem, responda de forma positiva aos tratamentos aos quais é submetido.

É recorrente na literatura a alusão à importância das relações pessoais tanto para os profissionais da educação quanto para os da saúde; e, tanto para o processo de ensino e de aprendizagem como para o processo de tratamento

de enfermidades. Desta forma, fica evidente a importância assumida pelo pedagogo no ambiente hospitalar, pois o mesmo irá exercer esse duplo papel ao mesmo tempo, pedagógico e social.

Ao pensar nessa importância do educador hospitalar e sua influência, não apenas no processo de desenvolvimento e de aprendizagem dos alunos hospitalizados, mas também na recuperação da saúde destes, faz-se necessário refletir sobre a ação desse profissional. Não se pode considerar a ação do educador hospitalar uma ação igual à do educador escolar, pois o educador hospitalar está inserido em um contexto diferente com relação aos que exercem sua ação no ambiente escolar.

Deve-se partir do princípio de que o contexto, ou o ambiente sendo diferente, conseqüentemente os alunos que nele estão, apresentam condições diferentes; no caso em questão, são crianças e/ou adolescentes que estão enfrentando momentos desconfortáveis e psicologicamente difíceis. Portanto, a ação educacional deve contemplar tal diferença.

O grande desafio de se pensar a educação hospitalar é justamente esse, cada criança/paciente está passando por situações diferenciadas com relação a seus próprios colegas de quarto. Cada aluno tem uma vivência diferente e está passando por problemas específicos e, também, são diferentes os níveis de escolarização que se fazem presentes. Ao pensar nessa variedade de situações vivenciadas pelos alunos hospitalizados, deve-se pensar em como sistematizar um processo de ensino e de aprendizagem em um ambiente tão inóspito.

É justamente mediante esse contexto, e, devido ao fato de vermos que as políticas públicas, no caso as que se referem especificamente à educação têm se preocupado em garantir o acesso e a permanência do aluno ao processo de ensino e de aprendizagem e das dificuldades de implantação das mesmas, que nos propomos a refletir sobre a educação hospitalar, entendendo ser ela uma das ações que permite assegurar ao aluno a continuidade do processo de ensino e de aprendizagem.

PEDAGOGIA HOSPITALAR: ASPECTOS HISTÓRICOS

Quando se pensa em Pedagogia, logo se remete à escola, espaço preparado para aprender os conteúdos sistematizados, disponibilizados por séries ou disciplinas, tendo como foco as pessoas que ali estudam, em sua maioria crianças e adolescentes. Pensando nesses alunos, que uma vez adoecidos param de frequentar a escola, é que surge a proposta da Pedagogia Hospitalar, que em resumo compreende justamente a garantia de permanência dos alunos internados no sistema educacional.

Segundo Esteves (2008, p. 2), a Pedagogia Hospitalar tem seu início em 1935 quando Henri Sellier cria a primeira classe hospitalar para atender crianças inadaptadas nas proximidades de Paris. Um exemplo que foi seguido pela Alemanha, por toda a França e Europa, chegando aos Estados Unidos da América, que nessa época não tinha controle sobre a tuberculose. E, a partir dessa época, tiveram início às classes hospitalares, que oportunizaram as crianças e aos adolescentes, continuarem seus estudos.

No entanto, a literatura sobre o tema reconhece como marco a Segunda Guerra Mundial, na qual, por meio de campanhas médicas, foram criadas as Classes Hospitalares com o objetivo de atender crianças e adolescentes que, atingidos pela guerra, eram mutilados, fato que os impedia de frequentar a escola.

No ano de 1939, em Sursenes, foi criado o Centro Nacional de Estudos e Formação para a Infância Inadaptada/CNEFEI, com a finalidade de formar o professor para trabalhar em institutos e em hospitais, com o entendimento de que os professores que estão inseridos no sistema de atendimento a crianças hospitalizadas, devem receber uma formação que garanta a ele e aos alunos um processo de ensino e de aprendizagem de qualidade.

Ainda de acordo com ESTEVES (2008, p. 2) o CNEFEI, até hoje, tem como objetivo mostrar que a escola não é um espaço fechado. Ademais, promove estágios em regime de internato que atende professores, diretores, médicos e assistentes sociais, promovendo assim uma formação diferenciada aos sujeitos responsáveis e/ou envolvidos com o atendimento educacional hospitalar.

No decorrer da história, a Classe hospitalar foi adaptando-se ao contexto social e às demandas da sociedade de forma a atender seus novos estudantes/pacientes com qualidade ajustando suas ações às especificidades de cada aluno e de cada momento histórico.

No decorrer do tempo, a Classe Hospitalar veio se expandindo e procurou definir seus objetivos que, conforme Esteves (2008, p 4), atendiam diferentes aspectos

Um dos objetivos da classe hospitalar, na área sócio-política, é o de defender o direito de toda criança e adolescente à cidadania, e o respeito às pessoas com necessidades educacionais especiais e no direito de cada um ter oportunidades iguais. Como prática deste trabalho Humanista, o nosso trabalho deverá ser o de ter os olhos voltados para o ser global, e não somente para o corpo e as necessidades físicas, emocionais, afetivas e sociais do indivíduo. Como um de seus objetivos, a Classe Hospitalar possibilita a compensação de faltas e devolver um pouco de normalidade à maneira de viver da criança.

Verifica-se, que a Classe Hospitalar assume assim o papel de garantir para a criança hospitalizada, a continuidade de seu processo de aprendizagem com a educação escolar fora da escola. Além dessa função educacional, a classe hospitalar pode ser pensada como uma auxiliadora da equipe médica na questão de contribuir com alunos na readaptação ao convívio social.

No Brasil, a Pedagogia Hospitalar não teve um caráter muito diferenciado, tem seu início, em decorrência da necessidade de se atender à criança internada, e, configura-se com a criação da primeira classe hospitalar, no ano de 1950, como explicitam Santos e Souza (2009, p.110)

Foi no ano de 1950, no Hospital Municipal Bom Jesus, no município do Rio de Janeiro, em que a professora Lecy Rittmeyer, que cursava Assistência Social, criou a primeira classe hospitalar, visando com isto o atendimento às crianças internadas, para que em seus retornos para as escolas pudessem continuar seus estudos normalmente.

Importante ressaltar que, como mostra a história, a Pedagogia Hospitalar ainda esta em processo de crescimento e mesmo com um território imenso, o Brasil possui poucos hospitais que dispõem dessa forma de atendimento pedagógico, como afirma Paula (2007, p.15).

A história da educação nos hospitais brasileiros é uma história que está sendo construída não somente de forma romântica,

mas com muitos percalços e desafios. Ela precisa ser conhecida para que possa ser compreendida como uma organização emergente na sociedade atual que está sendo implantada para contemplar os direitos das crianças e adolescentes hospitalizados na sua globalidade, promovendo-lhes tanto o direito à vida, como à educação.

As dificuldades para que se implante a Pedagogia Hospitalar na maioria dos hospitais públicos brasileiros é que os próprios hospitais nem sempre atendem às necessidades básicas da população “[...] como esclarece Paula (2007), em seu artigo “O ensino fundamental na escola do hospital: espaço da diversidade e cidadania” (PAULA apud DUTRA, 2009, p.62).

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO AMBIENTE HOSPITALAR: AS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE RECUPERAÇÃO DA SAÚDE DA CRIANÇA HOSPITALIZADA

Tendo exposto aspectos históricos da história da Pedagogia Hospitalar, podemos agora compreendê-la melhor, buscando analisar qual sua função e como têm sido suas ações junto aos pacientes/alunos. Autores como Matos e Muggiati (2001, p. 38) definem Pedagogia Hospitalar como “[...] uma pedagogia vitalizada, uma pedagogia da vida e para a vida que, por ser um processo vital, constitui uma constante comunicação experiencial entre a vida do educando e a vida do educador [...]”.

Em se tratando de crianças, deve-se levar em conta que quando uma criança é internada, sua rotina muda radicalmente, além de se encontrar em um ambiente que, por vezes, mostra-se hostil, a mesma tende a ter um comportamento diferente. É nesse momento que a criança se sente sozinha e seus medos fluem, o que poderá acarretar dificuldades na recuperação. É neste sentido, que Matos e Muggiati (2001) falam em “pedagogia da vida” ao se referirem à Pedagogia Hospitalar, pois o pedagogo hospitalar para além de garantir um processo de ensino e aprendizagem, por meio da socialização e convívio com o aluno, deve contribuir, mesmo que de forma indireta com a eficácia do tratamento médico a que o aluno está submetido.

Com relação à pessoa hospitalizada, o tratamento de saúde não envolve apenas os aspectos biológicos da tradicional assistência médica à enfermidade. A experiência de adoecimento e hospitalização implica mudar rotinas; separar-se de familiares,

amigos e objetos significativos; sujeitar-se a procedimentos invasivos e dolorosos e, ainda, sofrer com a solidão e o medo da morte – uma realidade constante nos hospitais. Reorganizar a assistência hospitalar, para que dê conta desse conjunto de experiências, significa assegurar, entre, o acesso ao lazer, ao convívio com o meio externo, às informações sobre seu processo de adoecimento, cuidados terapêuticos e ao exercício intelectual. (BRASIL, MEC, SEESP, 2002, p 10)

As crianças e adolescentes que frequentam os hospitais são oriundas de diversas cidades, escolas e níveis de escolarização como afirma Paula (2007, p 3-4)

As crianças e adolescentes que frequentam as escolas nos hospitais do Brasil são de cidades, níveis de escolarização e patologias diversas. As salas de aula são multisseriadas o que faz com que o professor trabalhe com um currículo aberto e flexível para atender as diferentes demandas sociais e culturais. As características econômicas da maioria das crianças e adolescentes é de extrema miséria e exclusão social. Aliado a esses aspectos, a diversidade cultural é predominante e determina hábitos, crenças e atitudes.

Conforme relatado na literatura em algumas situações que envolvem as crianças hospitalizadas, verificou-se que as mesmas se sentem como confinadas, o que desperta seus medos e anseios. Como observado em relato feito por uma criança que frequentava a sala de aula do hospital e que destacamos dos escritos de Paula (2007, p. 4)

Porque no hospital, a gente... a gente.. Não se.. É A gente não sente como nossa casa. A gente..agente..a gente.. O lar da gente é melhor. Porque mesmo que a gente durma no chão, o lar da nossa casa é melhor. Por quê? Lá a gente tem sossego, tem alívio. E aqui. Toda hora tem que toma remédio. Remédio é ruim. Eu não vou mentir. Não fica solt.. Aqui tem que ficar preso.. Porque se..se... A gente não pode comer bala. Não pode. Faz mal. Não pode descer dali. Dali. Nem do primeiro andar prá.. Não pode. Aqui não tá podendo imagine no primeiro andar?

AS PERSPECTIVAS DO TRABALHO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

Em sua prática pedagógico-educacional diária, as classes hospitalares visam dar continuidade ao ensino dos conteúdos da escola de origem do aluno

e/ou operam com conteúdos programáticos próprios da faixa etária destes alunos hospitalizados, o que os leva a sanar possíveis dificuldades de aprendizagem e/ou à oportunidade de aquisição de novos conteúdos intelectivos. (CAMPELO, 2014, p 9).

As classes hospitalares também atuam com intervenção pedagógico-educacional não propriamente relacionada à experiência escolar, mas também às necessidades do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança ou adolescente. A possibilidade de atendimento em classes hospitalares serve à manutenção das aprendizagens hospitalares, ao retorno e à reintegração da criança ou jovem em seu grupo escolar, e como acesso à escola regular na rede de ensino (CAMPELO, 2014, p 9).

Nesse sentido, devemos compreender a educação, para que seja possível analisar a função da educação no ambiente escolar, bem como a melhor forma de sistematizar essa educação. A educação pode ser definida como aquela que participa do processo social do indivíduo. Quando a pessoa passa pelo referido processo, ela vai adquirir e assimilar conhecimentos. Estes conhecimentos serão acrescidos aos conhecimentos prévios e valores que o indivíduo traz consigo o que acarretará a mudança de seu pensar e agir o que pode durar para sempre ou por um determinado tempo.

Ainda partindo do princípio de que a educação não está somente vinculada ao ensino escolar, mas também, a outros espaços além das salas de aula, entende-se que a mesma vai participar no desenvolvimento da vida familiar, na formação da vida em sociedade, no trabalho, na participação nos movimentos sociais, na organização da sociedade e suas manifestações culturais, como nas próprias instituições de ensino e pesquisa. Como vemos na LEI DE DIRETRIZES E BASE/LDB:

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Sendo a LDB a mais importante lei de políticas públicas que regem a educação, devemos considerar que a concepção de educação apresentada vai além da educação escolar, preconizando assim, a possibilidade de se pensar

em um processo educacional para além dos muros da escola. É nessa concepção que se apoia a educação hospitalar, uma vez que se torna a expressão de que o processo de ensino e de aprendizagem pode ocorrer de forma sistematizada e planejada, mesmo fora do ambiente escolar.

Por outro lado, para que seja possível a educação hospitalar, devemos pensar nas características do professor, e, conseqüentemente, nas características do professor hospitalar. Isto porque, em busca de um melhor desenvolvimento da Pedagogia Hospitalar, os pedagogos passaram a ter um papel fundamental na vida das crianças e dos adolescentes internados. Assim, conforme explicita (BRASIL, MEC, SEESP, 2002, p. 22)

O professor que irá atuar em classe hospitalar ou no atendimento pedagógico domiciliar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. Deverá, ainda, propor os procedimentos didático-pedagógicos e as práticas alternativas necessárias ao processo ensino-aprendizagem dos alunos, bem como ter disponibilidade para o trabalho em equipe e o assessoramento às escolas quanto à inclusão dos educandos que estiverem afastados do sistema educacional, seja no seu retorno, seja para o seu ingresso (BRASIL, 2012, p.22).

Nesta linha de pensamento, o professor deve preparar-se para atender os alunos de maneira que estes sejam desafiados, a entender o que está aprendendo, fazendo uma relação com seu cotidiano. Conforme Vasconcellos (1993, p.42), “[...] o trabalho inicial do educador é tornar o objeto em questão, objeto de conhecimento para aquele sujeito”. Deste modo, o professor tem como ação central a mediação entre o seu aluno e o conhecimento e complementa:

Conhecer a realidade dos educandos implica em fazer um mapeamento, um levantamento das representações do conhecimento dos alunos sobre o tema de estudo. A mobilização é o momento de solicitar a visão/concepção que os alunos têm a respeito do objeto (senso comum, “sincrise”) (VASCONCELLOS, 1993, p. 48).

Para além de todas essas questões, não podemos deixar de considerar que para que haja um desenvolvimento significativo, o professor deverá levar

em conta os meios de ações pedagógicas, como explicita Gasparin (2012, p. 52) :

[...] a tarefa do professor e dos alunos desenvolve-se por meio de ações didático-pedagógicas necessárias a efetiva construção conjunta do conhecimento escolar nas dimensões já definidas na Problematização. Nesta fase, que Vigotski denomina zona de desenvolvimento mediato, a orientação do professor torna-se decisiva, pois os alunos necessitam do seu auxílio para realizar as ações necessárias à aprendizagem. Os educandos e o professor efetivam, aos poucos, o processo dialético de construção do conhecimento pela mediação do abstrato, realizando as operações mentais de analisar, comparar, criticar, levantar hipóteses, julgar, classificar, deduzir, explicar, generalizar, conceituar etc.

Apesar das diferentes formas de ensinar, o meio de o discente aprender ainda está na responsabilidade do professor como afirma Gasparin (2012, p. 56)

A tarefa docente consiste em trabalhar o conteúdo científico e contratá-lo com o cotidiano, a fim de que os alunos, ao executarem inicialmente a mesma ação do professor, através das operações mentais de analisar, comparar, explicar, generalizar., apropriem-se dos conceitos científicos, constituindo uma nova síntese mais elaborada.

Em se tratando de ações pedagógicas, Vigotski (2001) esclarece que se deve ter clareza na construção de conceitos, assim como observar que o conhecimento do mesmo resultará em um novo conceito.

[...] o curso do desenvolvimento do conteúdo científico nas ciências sociais transcorre sob as condições do processo educacional, que constitui uma forma original de colaboração sistemática entre o pedagogo e a criança, colaboração essa em cujo processo ocorre o amadurecimento das funções psicológicas superiores da criança com o auxílio e participação do adulto [...] A essa colaboração original entre a criança e o adulto – momento central do processo educativo paralelamente ao fato de que os conhecimentos transmitidos à criança em um sistema- deve-se o amadurecimento precoce dos conceitos científicos e o fato de que o nível de desenvolvimento desses conceitos entra na zona de possibilidades imediatas em relação aos conceitos espontâneos, abrindo-lhes caminho e sendo uma espécie de propedêutica do seu desenvolvimento (VIGOTSKI, 2001a, p. 224).

Tratando-se ainda da relação entre professor e aluno, compreende-se que aquele, no momento em que está ensinando, transborda de conhecimento,

repassando o mesmo para o educando, como afirma Reig e Grandolí (1998, p.117)

[...] no caso da aula, a mediação é um processo de “transvase” de informação a partir de um sistema de representação (o professor, com um conteúdo, uma estrutura informativa e um código) o outro sistema de representação (o aluno, que processa ativamente tal informação) - (grifo do original).

Todo o processo tem uma intencionalidade, desde o início do atendimento da aula até o encerramento da mesma, o professor atuará como mediador entre o aluno e o objeto de conhecimento. Então, as ações do professor são baseadas nessa concepção, de que o professor é o mediador e tem como tarefa tornar o conhecimento acessível a seus alunos. Assim, ainda conforme Reig e Grandolí (1998, p.117)

[...] toda a ação do professor deve, pois, centrar-se na organização do conteúdo e dos processos pedagógicos para que o aluno, trabalhando, atue sobre os seus processos mentais em desenvolvimento e concretize sua aprendizagem (idem, p. 197).

Nesse processo de aprendizado, em alguns momentos, os papéis são invertidos entre professor e aluno, considerada a perspectiva de mediação. Conforme relata Gasparin (2012, p. 106)

[...] por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem- não uma ponte estática, mas uma ponte “rolante”, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos.

Ainda segundo Gasparin, a mediação entre o professor e o aluno não está somente nos conceitos científicos e sim em suas relações com o cotidiano, “A mediação pedagógica do professor pode ainda ser explicitada na relação que se estabelece entre os conceitos cotidianos e os conceitos científicos, no processo de aprendizagem dos alunos” (GASPARIN, 2012, p. 114). Para o autor, a ação mediadora do professor está na definição do elo entre os conceitos científicos e os conceitos do cotidiano, assim

O papel do professor, como mediador, é definir a relação e estabelecer a ligação entre os conceitos científicos e os cotidianos. Ora, a mediação somente acontece à medida que ele conhece tanto os conceitos científicos quanto os cotidianos. Desta forma, sua primeira ação consiste em apropriar-se adequadamente dos conceitos científicos. Deve, outrossim, tomar conhecimento dos conceitos cotidianos dos alunos (GASPARIN, 2012, p.116).

Quando se pensa em aluno, não podemos pensar em um sujeito que não possui nenhum tipo de conhecimento, ao contrário, partimos do pressuposto de que ele já tenha um conhecimento adquirido por meio de seu convívio social e sua observação da própria realidade, ou como afirma Vigotski (2001), o início da aprendizagem se dá antes mesmo da entrada na escola.

Em essência a escola nunca começa no vazio. Toda aprendizagem com que a criança depara na escola sempre tem uma pré-história. Por exemplo, a criança começa a estudar aritmética na escola. Entretanto, muito antes de ingressar na escola ela já tem certa experiência no que se refere à quantidade: já teve oportunidade de realizar essa ou aquela operação, de dividir, de determinar a grandeza, de somar, de diminuir [...] a aprendizagem escolar nunca começa no vazio, mas sempre se baseia e determinado estágio de desenvolvimento, percorrido pela criança antes de ingressar na escola (VIGOTSKI, 2001b, p. 476).

A aprendizagem, apesar de ser um processo interpessoal, consiste verdadeiramente num processo intrapessoal em que acontece a ação do sujeito sobre o objeto ou do objeto sobre o sujeito que resultará em uma interação por uma ação consciente do sujeito conforme conceitua Vigotski (1989, p.74), “[...] os conceitos não espontâneos não são aprendidos mecanicamente, mas evoluem com a ajuda de uma vigorosa atividade mental por parte da própria criança”. Mas a aprendizagem só se torna significativa quando “[...] os educandos introjetam, incorporam ou, em outras palavras, aproximam-se do objeto do conhecimento em suas múltiplas determinações e relações, recriando-o e tornando-o “seu”, realizando ao mesmo tempo a continuidade e a ruptura entre o conhecimento cotidiano e o científico” (GASPARIN, 2012, p 50).

Vasconcellos (1993, p. 64), destaca que ainda neste contexto

[...] neste processo, parte-se do conhecimento que se tem (sincrético) e aos poucos (pela mediação da análise) este conhecimento anterior vai se ampliando, negando, superando, chegando a um conhecimento mais abrangente (sintético= “concreto”) (VASCONCELLOS, 1993, p.64).

Pensando na possibilidade da criança aprender em outros espaços além da escola, Ceccim (1999, p 41) propõe reconsiderar o momento de vivência da criança, quando afirma que

Para além das necessidades emocionais e recreativas, é preciso destacar as necessidades intelectuais da criança e, aqui, não se trata de eleger um racionalismo ou um intelectualismo dos significados do adoecer e do tratamento de saúde, mas de reconhecer que os processos que organizam a subjetividade, organizam e são organizados por efeitos de aprendizagem. A aprendizagem é sempre e reciprocamente psíquica e cognitiva, daí os processos psíquicos determinar a cognição e os processos cognitivos determinar o desenvolvimento psíquico.

Nessa forma de pensar, na interação com a criança hospitalizada, a mediação com a vida fora do hospital deve atender ao processo de escuta, conforme explicita Ceccim (1999, p.42)

Se o relacionamento com a doença infantil, ou mesmo com a criança enferma, é mediado pela emergência de atenção às demandas biológica e psicológica da criança, uma outra dimensão destaca-se à escuta pedagógica do desenvolvimento infantil: a dimensão vivencial. Essa dimensão conta-nos das expectativas de cura, sobrevida e qualidade de vida afetiva, de retorno as atividades anteriores e de continuidade dos laços com o cotidiano.

Além das preocupações com o lúdico, o que é importante para o aluno hospitalizado, pois promove uma singela fuga de sua realidade hospitalar, as propostas pedagógicas devem ter como finalidade a apropriação das propostas educativas- escolares, garantindo ao aluno o processo de ensino e de aprendizagem. Para Ceccim (1999), o atendimento pedagógico educacional ofertado na classe hospitalar deve “[...] apoiar-se em propostas educativo-escolares, e não em propostas de educação lúdica, educação recreativa ou de ensino para a saúde”. Mas assevera que, mesmo havendo o embasamento em

uma proposta educativo-escolar, a classe hospitalar não se configura como uma escola formal

[...] mas implica que possua uma regularidade e uma responsabilidade com as aprendizagens formais da criança, um atendimento obrigatoriamente inclusivo dos pais e das escolas de origem de cada criança, a formulação de um diagnóstico para o atendimento e a formulação de um prognóstico à alta, com recomendações para a casa e a escola ao final de cada internação. Uma classe hospitalar, sob tal enfoque, deve objetivar atender as necessidades pedagógico-educacionais da criança hospitalizada, operando com os condicionamentos do desenvolvimento psíquico e cognitivo representados pelo adoecimento e pelo referenciamento hospitalar na produção de aprendizados (CECCIM, 1999, p 43)

Para o autor, a literatura sobre as propostas educativas- escolares no atendimento realizado por meio da Pedagogia Hospitalar ainda não é muito ampla, cabendo ao professor, desenvolver propostas educacionais tendo em vista o desenvolvimento cognitivo e o resgate da saúde da criança hospitalizada. Neste sentido, Ceccim (1999, p. 44) salienta

A literatura específica sobre o atendimento pedagógico-educacional hospitalar não é vasta, mas aponta para o importante papel do professor junto ao desenvolvimento, aprendizagem e ao resgate da saúde pela criança hospitalizada.

Importante destacar que os atendimentos nas Classes Hospitalares objetivam a manutenção do processo de ensino e de aprendizagem, bem como garantir o retorno da criança ao cotidiano do ensino regular, promovendo por meio de sua ação uma permanente socialização do aluno. E, complementa

O atendimento na classe hospitalar tem servido à manutenção das aprendizagens escolares, ao retorno e reintegração da criança ao seu grupo escolar e também ao acesso à escola regular, uma vez que algumas das crianças hospitalizadas em idade de frequência escolar não estão matriculadas na rede de ensino. Quando a ausência da criança à escola decorre de sua história de adoecimento e tratamento hospitalar, a frequência à classe hospitalar incentiva a criança e a família a buscarem a escola regular após a alta do hospital (CECCIM,1999, p. 44).

Ao pensar na Pedagogia Hospitalar, há que se ter uma nova visão do professor, pois este não somente lidará com o desenvolvimento cognitivo da criança, como, por vezes, atuará direto na sua recuperação, o que permitirá

seu retorno ao lar e à escola. De forma que os profissionais educacionais necessitam ampliar sua capacitação, buscando novos conhecimentos através de uma formação continuada.

O professor que irá atuar em classe hospitalar ou atendimento domiciliar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definido e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. Deverá, ainda, propor os procedimentos didático-pedagógicos e as práticas alternativas necessárias ao processo ensino-aprendizagem dos alunos, bem como ter disponibilidade para o trabalho em equipe e o assessoramento às escolas quanto a inclusão dos educandos que estiverem afastados do sistema educacional, seja no seu retorno, seja para seu ingresso (BRASIL, MEC, SEESP, 2002, p 22)

Conforme preconiza o documento do MEC, o professor deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas; deve ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo (BRASIL, 2012, p.22).

Conforme definido no Programa SAREH (Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar), o pedagogo é de grande importância para o desenvolvimento da criança em seu desenvolvimento cognitivo e social “O trabalho do pedagogo no hospital é de grande relevância, pois atende às necessidades psicológicas, sociais e pedagógicas da criança internada, favorecendo assim uma recuperação mais rápida do paciente” (CAMPELO, 2014, p.22).

No atendimento à criança/adolescente hospitalizada, o pedagogo hospitalar parte do pressuposto de que as condições de desenvolvimento e aprendizagem destes alunos/pacientes diferenciam-se daquelas encontradas no cotidiano escolar, sendo assim, sua prática deve ser inovadora, transpondo as barreiras do tradicional. Deve desenvolver projetos criativos e competentes com práticas específicas para a criança hospitalizada, adaptados às condições de aprendizagem que fogem dos padrões normais da sala de aula. Para tanto, é necessário a superação da visão fragmentada; tendo uma visão do todo no atendimento pedagógico, valorizando um conceito integral de educação como

aperfeiçoamento humano, englobando razão, sensação, sentimento, intuição e integração cultural como forma de construir uma nova consciência no educando (CAMPELO, 2014, p.22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em tela realizou uma reflexão sobre o papel do pedagogo no contexto hospitalar, bem como, sobre o impacto de sua atuação na vida dos alunos atendidos. Para que isso fosse possível, consideramos necessária a exposição da história das classes hospitalares com o objetivo de compreender quais funções elas assumiram no decorrer da história e qual a sua função nos dias atuais.

Compreendendo a história das classes hospitalares, foi possível verificar as características das mesmas ao longo da história, chegando assim, ao entendimento da realidade que assume hoje. Ao longo do trabalho percebeu-se que a Pedagogia Hospitalar foi sendo reelaborada, e, conseqüentemente evoluindo, assumindo hoje um duplo papel; o de oferecer uma educação escolar fora do ambiente escolar, mais especificamente dentro do hospital. E, indissociável desse processo, a necessidade de atuar como parceiros da equipe médico-hospitalar, proporcionando aos alunos condições de socialização que o auxiliam no processo de tratamento.

Para além de pensar na história e nas ações já postas em prática, há que se inclinar a reflexão para a questão da formação nas licenciaturas. Até que ponto a graduação tem dado suporte aos alunos para assumir tal tarefa? E como promover uma melhor formação para esses profissionais que possivelmente assumirão essa difícil incumbência? Para que de fato o professor das classes hospitalares consiga cumprir com esses objetivos, é também necessário pensar em como formar esse profissional e como promover essa formação. São questões que podem ser colocadas, e, que ainda precisam ser pensadas e respondidas.

Acreditamos que o trabalho pode, de forma sucinta, realizar uma reflexão sobre essa temática, levando-nos à conclusão de que ainda há muito que se discutir sobre a educação no ambiente hospitalar, da mesma forma que a educação no ambiente escolar deve ser repensada e reelaborada constantemente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**/Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC/SEESP, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996

CAMPELO, Lúcia Catto Magalhães. **Educação Hospitalar**. 2014

CECCIM, Ricardo Burg. **Classe Hospitalar**: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. Pátio, Revista Pedagógica, ed. 3, nº 10 ago/out 1999, p. 41-44.

DUTRA, Vanessa Aparecida. **História da Pedagogia Hospitalar no Brasil**. Universidade Estadual de Londrina, 2009.

ESTEVES, Cláudia R. **Pedagogia Hospitalar**: um breve histórico. Disponível em <<http://www.santamarina.g12.br>> Acesso em: 17 out. 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5. Ed.rev.2. Reimpr.- Campinas/SP: Autores Associados, 2012.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGGIATI, Margarida M. Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar**: a humanização integrando educação e saúde. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **Escola no Hospital**: espaço de produção de subjetividades, cultura e transformação social. Cadernos de Educação| FaE/ PPGE/UFPel| Pelotas [29]: 105-118,jul/dez 2007

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. Intervenção escolar em hospitais para crianças internadas: a formação alternativa re-socializadora. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br> > Acesso em: 27 out. 2015.

REIG, D; GRADOLÌ, L. (1998), A construção humana através da zona de desenvolvimento potencial: L. S. Vygotsky. In: MINGUET, P. A. (org), **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artmed.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2001^a.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo, Martins Fontes, 2001b.